



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARLISA WAHLBRINK [MARAVILHA]**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-450

**Entrevistada:** Marlisa Wahlbrink [Maravilha]

**Nascimento:** 10/04/1973

**Local da entrevista:** Hotel Plaza São Rafael, Porto Alegre

**Entrevistadoras:** Pamela Siqueira Joras e Luiza Aguiar dos Anjos

**Data da entrevista:** 04/09/2014

**Transcrição:** Giovanna Furtado Lopes da Silva

**Copidesque:** Ivone Job

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 10 minutos e 10 segundos

**Páginas Digitadas:** 18 páginas

**Observações:**

Entrevista produzida para o *Programa Mulheres e Futebol* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Primeiro contato com o futebol na infância jogando com os irmãos; Futebol na escola; Dificuldades financeiras; Saída de casa aos vinte e um anos; Ajuda do pastor; Teste para a Federação Gaúcha de Futebol; Começo dos treinos; Temporada no Cruzeiro Sport Clube de Porto Alegre; Temporada no São Paulo Futebol Clube; Convocação para a Seleção Brasileira; Campeonato Paulista; Jogos Olímpicos de Sydney; Associação Portuguesa de desportos; Reserva da seleção Brasileira; Volta para casa; Casamento; O recomeço dos estudos; Treinadora de goleiras nos Estados Unidos; René Simões na comissão técnica; Momento em que parou de jogar; Nascimento de seu filho; Trabalho atual.

Porto Alegre, 04 de setembro de 2014. Entrevista com Marlisa Wahlbrink [Maravilha] a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Maravilha, como começou teu envolvimento com o esporte?

M.W. – Desde criança. Eu nasci no Rio Grande do Sul, em Constantina. Depois nos mudamos para o Paraná, em Santa Helena, onde construíram a barragem de Itaipú que acabou inundando a área onde a gente morava e tivemos que sair. Resolvemos ir para Maravilha<sup>1</sup>. Desde a minha infância vivi numa família bem pobre. Meus pais eram pobres, não tinham recursos, morávamos de arrendatários. Com a família completa éramos nove irmãos e as dificuldades sempre foram grandes. A gente morava uma parte num lugar, depois mudava, dependia muito do patrão que a gente tinha, de quem a gente arrendava terra. Como meus pais não tinham condições de dar brinquedos para todos os filhos nos períodos da Páscoa, Natal, eles sempre davam uma bola e todo mundo adorava jogar futebol. Desde pequena, desde que eu me lembro, jogava futebol em casa. Quando a gente mudava de uma residência para a outra, a primeira coisa que a gente arrumava era um campinho de futebol para poder jogar, que era o nosso divertimento. Então fui crescendo. Todos da família, as mulheres, eu tenho uma irmã, também jogava bem, eu sou a mais nova das moças. Ela casou cedo e não deu continuidade... Hoje ela tem duas filhas, são goleiras também. Jogavam em Araraquara em São Paulo e atualmente estão no Kinderman<sup>2</sup>, em Caçador. Somente eu dei continuidade, com as dificuldades que a gente teve. Uma das coisas que eu questionava muito, porque desde pequena a gente teve uma educação muito rígida e religiosa, e era bastante limitada em todos os aspectos. Tinha que trabalhar muito, falar pouco, não podia se manifestar, não podia responder. Então você não tinha uma forma de reação, de colocar a tua opinião. Isso depois foi bastante complicado durante o percurso da vida. Aos sete anos, quando eu fui para a escola, para o primeiro ano, na época não tinha creche, eu peguei um professor bem tradicional, a forma de ensino dele era bem tradicional. Quando a gente não sabia ler, ele colocava a gente de castigo de joelhos em cima de grão de milho. Os que se rebelavam, ele espancava de vara, batia nas crianças. A gente já tinha repressão em casa, você vai para a escola, outro espaço que você

---

<sup>1</sup> Cidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Sociedade Esportiva Kindermann.

era repreendido. Então, a gente não sabe os traumas que carrega, mas vai reconhecendo no percurso. Eu só sabia falar alemão até então, eu aprendi a falar português na escola. Eu tinha dificuldade de aprendizado naquele primeiro ano, depois foi automático. Como a gente tinha disciplina, procurava prestar atenção na sala, procurar aprender, se apegava muito ao professor. Depois tivemos professores diferentes, a gente acabou se apegando muito e querendo trabalhar nessa profissão, onde alguém desse uma atenção diferenciada. Os pais não conseguiam dar carinho para a gente, até pela necessidade de trabalhar, eles estavam exaustos, cansados. Hoje a gente vê de uma forma diferente, eles tinham essa necessidade. Na época o governo investia nesse tipo de formação, que era ter bastante filhos para a mão de obra. Tinham regiões de fronteira que era necessário povoar. Esse incentivo existia e colaborava, quando você vê um contexto nacional e traz para teu âmbito familiar, você percebe que está tudo interligado. Na escola, enquanto eu estudava, sempre jogava futebol, era a única menina que ficava no meio dos meninos. Jogava futebol ao invés de jogar vôlei, porque diferenciava, os meninos jogavam futsal e as meninas jogavam vôlei. Mas, eu sempre estava junto com os meninos, então, comecei a me destacar. Mas, mesmo assim a gente não tinha uma perspectiva, nem imaginava jogar futebol em nível nacional. Fui crescendo, teve uma fase difícil, porque sempre morávamos longe da escola, normalmente dava seis quilômetros por dia, três para ir e três para voltar e tudo caminhando. Em época de chuva, não tinha guarda chuva. Cortava um saco de adubo e colocava por cima e ia descalço, o pé às vezes, queimava a sola do pé porque era cascalho, era muita pedra, a gente acabava passando por tudo isso. Época de inverno, não tinha calçado fechado. Ia para a escola, tinha que passar nos poteiros onde a geada fechava por cima da grama e a gente tinha que andar de chinelo, os pés ficavam com muito frio. Ficava a manhã inteira sentada na escola com frio, não tinha agasalho suficiente. Dificuldade sempre foi muito grande. Quando eu estava cursando o quarto ano, lembro que estava caminhando para a escola, era no mês de setembro, senti um vento muito forte. No mês de setembro dá aquela ventania muito forte, deu muita poeira, um carro passou por mim e fechou a minha visão, quase não conseguia ver, fiquei questionando... A gente tinha que trabalhar muito, desde pequena, desde que eu conseguia segurar uma enxada. Todo mundo tinha que ir junto para a roça, trabalhar, era meio período para a escola, meio período para a roça. A gente trabalhava de segunda a sábado de meio dia, em épocas de colheita era direto, finais de semana quando necessário tinha que trabalhar. Eu questionava porque a gente trabalhava tanto, a gente não tinha terra que era nossa, tinha que entregar a renda, a

gente não tinha carro, tinha que caminhar muito ou às vezes ia para a cidade, a cada seis meses, sempre a pé, tinha que ir caminhando, dava nove quilômetros para ir, nove para voltar. A dificuldade sempre foi assim, criados numa dificuldade muito grande. Eu questionei por que a sociedade era assim. Não entendia naquele momento porque ela funcionava desse jeito. Fui compreender isso, depois que eu conheci meu marido, em 2001, porque ele fez Bacharelado em Geografia, em Florianópolis, na universidade federal. Agora está terminando o curso de História, tem muito conhecimento. Ele me explicou e me ensinou como funcionava a sociedade, o sistema capitalista. A partir desse momento eu comecei a entender de uma forma diferente a sociedade. Isso fez evoluir muito a minha qualidade no futebol, em termos de poder jogar. Essa compreensão eu acho fundamental para qualquer ser humano. Você só se torna livre quando tem conhecimento e eu sempre ando em busca disso. Depois desse questionamento, um dia eu estava, capinando em meio à soja e vi um avião passar muito alto, quase invisível e eu exclamei, naquele momento, que um dia eu iria andar de avião. Não imaginava como, mas eu ia fazer isso. E passou, o tempo ia passando e eu questionava meus pais. Em casa a gente podia jogar futebol com os irmãos, mas quando se falava de jogar futebol na comunidade que a gente morava ou formar uma equipe, aí já era proibido, não podia mais. E como é que uma criança, pré-adolescente vai lidar com essa situação? Como é que vai compreender isso, que você pode aqui e não pode ali? Meu pai levava meus irmãos no campo de futebol. Eu fazia todo o serviço certinho para meu pai me levar junto, para que não dissesse não, ele não abria mão disso. Eu sei que com uns dez, doze anos eu cheguei a pensar em me matar. Eu peguei uma corda e fui para o galpão, mas eu não tive coragem, porque a repressão interna era tão grande, que eu não via mais sentido de não poder fazer aquilo que mais gostava. Aquilo que mais sentia prazer em fazer, mas a coragem não foi grande para isso. Contavam uma história que quando desse um arco-íris, se a menina passasse por baixo do arco-íris, virava menino e se o menino passasse por baixo do arco-íris virava menina. Eu procurava esse arco-íris, porque eu queria ser menino. Porque menino podia jogar futebol, as meninas não podiam, só em casa quando era conveniente. Eu fiquei muito frustrada, vendo toda aquela situação. Sempre imaginei por que a renda na época era entregue só para os meninos, o pai ficava com uma parte, a mãe não tinha voz dentro da família para questionar. Ele dividia a renda com os meninos, filhos homens que já estavam com certa idade e já recebiam uma parte da renda e as mulheres não ganhavam nada, nem para as suas necessidades pessoais. Eu me revoltava com isso! Sempre fui de retrucar meu pai, de não concordar, apanhei

muito. A forma de educação que a gente teve foi assim de apanhar muito, porque era muita criança no mesmo momento, era uma escadinha, uma sequência. A gente queria brincar e eles estavam cansados, não queriam barulho, a gente acabava às vezes incomodando e a base de disciplina era tudo através da surra. Eu me revoltava com essa forma patriarcal, machista e pensei o que eu ia fazer na minha vida para mudar essa situação. Eu pensei, fiquei analisando. O que eu sabia fazer de melhor era jogar futebol, pelos elogios que eu recebia de outras pessoas, por sempre ser escolhida para jogar na escola com os meninos. Imaginei que era isso que eu sabia fazer de melhor, e isso ficou marcado no tempo. Tive que continuar a luta na roça, fui trabalhando, fui crescendo. Em torno de dezesseis anos, dezessete, a gente participava de um grupo de jovens da comunidade da igreja. Vinham palestrantes com temas diferentes. O pastor da igreja trazia palestrantes para a gente ter as informações. Eu admirava muito quando alguém conseguia falar em público, ter uma desenvoltura para colocar as palavras com tranquilidade. Admirava quem tinha conhecimento e eu sempre quis isso, mas na época eu só pude estudar até o quarto ano. Meu pai me fez repetir o quarto ano porque eu ia parar de estudar com dez anos, repeti a quarta série por isso, para não sair tão cedo da escola. Na época tinha que pagar o transporte para estudar na cidade, para dar sequência nos estudos e meus pais não queriam deixar. Dois anos depois que eu parei de estudar, se tornou lei que toda criança tinha que estudar e a prefeitura pagaria esse transporte para a criança ir até a cidade. Eu tinha um irmão mais novo, ele ia estudar na cidade. Eu chorei muito para que meu pai deixasse eu ir também estudar, mas eles não abriram mão, pois a mulher sempre tinha muitas restrições. Passou o tempo, meu irmão mais velho foi estudar em Braga no Rio Grande do Sul. Era uma escola organizada pelos movimentos populares, em que o aluno fazia quarenta e cinco dias na escola, vivia dentro da escola, trabalhava em alguns setores, aprendia a administrar, a trabalhar e tinha que estudar, fazer a prática e a teoria juntos. Meu irmão se formou nesse tempo, no primeiro e segundo grau. Quando teve uma outra oportunidade em que eu poderia estudar, meu pai não quis deixar, mas, eu fui contra a vontade do meu pai. Meu irmão mais velho me deu algum dinheiro para que eu pudesse ir. Fiquei quarenta e cinco dias na comunidade. A gente teve que ficar na escola estudando. Quando eu voltei dos quarenta e cinco dias na comunidade eu tinha que fazer um trabalho para o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Tinha que ir até o assentamento e fazer esse trabalho. Quando eu expliquei para o meu pai que eu teria que fazer isso, ele me proibiu. Disse que não poderia ir, que tinha que trabalhar, estudar não dava dinheiro, trabalhar é que dava dinheiro. Era a

visão da época. Não culpo, mas eles têm certa culpa, porque tem culpa se a gente se torna omissos em certas situações. A gente também é levada pelo sistema e eles não tinham acesso. Isso que a gente passava, ele achava que era o melhor, também queriam ter filhos, pois precisavam para mão de obra. Quando eu saí, ele disse que não era para eu sair, se eu saísse de casa não precisava mais voltar. Não tive dúvidas. Saí de casa, morando a nove quilômetros da cidade, eu lembro que era umas seis horas da manhã, no mês de maio. Ainda era muito escuro, sei que saí chorando. Meu pai disse que se eu saísse não precisava mais voltar. Saí sem um tostão no bolso, sem nada, sem saber para onde eu iria à noite, mas eu sabia que aquilo que eu tinha até então, não dava mais para mim, eu tinha chegado ao meu limite! Tinha vinte e um anos. Quando eu cheguei à cidade, fui chorando todo percurso, cheguei na casa de um amigo que iria junto fazer esse trabalho do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. O nome dele era Pastor Flávio Schimitt, ele era liberado pela igreja só para trabalhar com o Movimento Sem Terra. Eu iria com ele até Abelardo Luz<sup>3</sup>, para fazer o trabalho. Eu tinha duas irmãs assentadas pelo MST. Quando eu cheguei à casa dele, expliquei tudo isso e no caminho indo para o estudo, falei para ele que meu sonho era jogar futebol, ele ainda colocou dessa forma: “Que tal eu ser teu empresário?” Mas, a gente sem uma noção, eu lembro que eu tinha ouvido um tempo atrás, não lembro se era a Rádio Gaúcha ou Guaíba de Porto Alegre, falou que a Federação Gaúcha de Futebol estava organizando, um teste que iriam usar o nome do Cruzeiro<sup>4</sup>, para disputar a Taça Brasil, que iria ser realizada em Torres e Tramandaí<sup>5</sup>. Falei isso e ele entrou em contato, com os recursos dele, ligou para a Federação e marcou teste. Ele me disse quando iria ser o teste, que a gente iria até Porto Alegre, mas, eu não tinha chuteira, nem calção esportivo para fazer o teste, nem dinheiro para comprar. Fui para as lojas da cidade pedir. Um senhor da comunidade tinha uma loja de calçados e roupas. Fui até a loja dele para ver se tinha como me dar uma chuteira, porque eu não tinha como pagar, eu precisava fazer um teste em Porto Alegre para jogar futebol. Ele me deu uma chuteira, eu lembro até hoje a marca, era Clube Sul. Foi a melhor marca da minha vida. Daí eu fui à outra loja, não conhecia o pessoal da loja, pedir um calção. Expliquei a situação que eu ia fazer um teste de futebol. A moça que me atendeu foi muito simpática, ela chamou o dono da loja, ele me cedeu o calção. Anos depois essa moça que me atendeu se tornou a minha cunhada. E os donos da loja meus amigos, tanto que vieram me assistir, quando eu vim jogar com São

---

<sup>3</sup> Município do Estado de Santa Catarina.

<sup>4</sup> Cruzeiro Sport Clube de Porto Alegre.

Paulo<sup>6</sup>, em Gramado e Canela<sup>7</sup>. Eles vieram assistir ao jogo! Fui a Porto Alegre. O meu amigo me trouxe, pagou passagem e tudo para vir até Porto Alegre. Chegando em Porto Alegre, eu olhava a cidade, o movimento, parecia que eu estava girando, algo inacreditável, como eu não tinha ideia do tamanho de uma cidade, porque vivi até os vinte um anos só na roça. Poucas vezes tive acesso ao meio urbano. Quando cheguei à Porto Alegre eu achei encantador e ao mesmo tempo assustador. Mas, foi assim, então esse meu amigo me encaminhou para uma família, que eram pastores em Porto Alegre, nós ficamos na casa deles até o dia do teste. Quando eu fiz o teste, era um dia muito frio, 20 de julho de 1994. Jogamos no sábado a manhã inteira e eu não conseguia me aquecer, de tão gelado que era. Neste teste eu fiz o teste como atacante, e fiz dois gols nesse dia. Eu batia bem, perna esquerda, perna direita, batia de fora da área, consegui fazer dois gols, eu acho que esse foi o motivo que eu fui escolhida. Fui a última a ser escolhida teste e fiquei. Como eu não tinha recursos, eu trabalhei como empregada doméstica durante o dia na casa desses pastores e treinava à noite. Os trabalhos físicos no começo, para mim foram muito difíceis porque eu não tinha uma massa muscular formada. Tinha muita dificuldade, o trabalho na roça é de uma forma e exercício físico é diferente. Eu não tinha tênis para correr quando a gente fazia corridas. Corria em pista, asfalto que eram duros. Para mim era difícil, fazia tudo de chuteira. Eu tive várias lesões em relação ao impacto e à falta de condicionamento físico. O professor colocava a gente no coletivo, eu entrava sempre no segundo tempo. Quando eu pensava em dominar a bola, alguém já me roubava a bola. Eu percebia que, na verdade, o nível em que eu estava jogando era muito lento para a situação naquele momento e provavelmente eu iria ser cortada. Eu não podia aceitar voltar para a casa derrotada e meu pai falando muita coisa para mim de novo. Não iria voltar para a casa e iria achar uma forma de fazer outra coisa, eu não queria aceitar isso. Como só tinha uma goleira, eu me propus ir ao gol. Quando eu fiz o teste no gol, quem me aplicou o teste foi o treinador Bagé<sup>8</sup>. Ele me disse para vir outro dia de manhã, que iria ver se tinha condições de ir para o gol. Antes, eu não tinha coragem de cair, soltar para bola, mas, naquele dia do teste eu fiz tudo isso, nem acreditava, aí o treinador disse que eu levava jeito para goleira. À tarde, ele já arrumou um treinador de goleira para mim, o Elton<sup>9</sup>. Comecei os treinos,

---

<sup>5</sup> Cidades do litoral do Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> São Paulo Futebol Clube.

<sup>7</sup> Cidades da região serrana do Rio Grande do Sul.

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação.

arrumaram luvas para mim, era de couro dura, não eram essas coisas macias que tem hoje. Começamos os treinos, o treinador disse: “Você vem meia hora antes, a gente começa a treinar antes das meninas e será sempre a última sair.” Eu sei que eu saía dos treinos muitas vezes, não tinha nem força de tomar banho, ainda tinha que pegar dois ônibus para voltar até a casa onde eu morava. Às vezes, a gente se tornava tão irreconhecível de treinar na chuva e no barro, que lembro que um dia após termos feito um trabalho físico na beira do rio Guaíba, à noite, numa garoa, vento frio, eu estava com uns quatro casacos, fazendo exercícios físicos e mesmo assim não aquecia. Era muito difícil, mas tudo valia a pena para vencer na vida. Depois de um mês de treinamento de goleira, com várias lesões..., Ontem meu amigo Marcio<sup>10</sup> que era o preparador físico na época, falou que eu estava com aquelas roupas humildes, caía naquele chão duro, vivia toda machucada. Eu sei que deveria entrar num *freezer*, porque o período que às vezes eu tinha para descansar era para colocar gelo nos dedos, joelhos, cotovelos, aí foi assim. Em um mês de treinamento eu consegui a posição de titular da equipe, de uma goleira que jogava mais de dez anos na época. Fomos para a Taça Brasil que foi realizada em Torres e Tramandaí e ficamos em quinto lugar. Tivemos jogos muito bons, principalmente contra o Vasco<sup>11</sup>. A Pretinha<sup>12</sup> já jogava, tinha a Roseli<sup>13</sup>, e outras meninas que na época eram Pelézinha<sup>14</sup>, meninas bem destacadas a nível nacional. A gente perdeu de um a zero aquele jogo, no último minuto tomamos um gol. Foi assim bem histórico pelo tempo de trabalho que a gente teve. Vendo esses resultados, o Presidente do time de Saad<sup>15</sup> de São Paulo viu todo o campeonato e convidou a comissão técnica para jogar em São Paulo. O treinador, o Bagé, que treinava a equipe do Cruzeiro, me falou que várias vezes durante o tempo de preparação que a gente teve, ele sempre me colocava de exemplo para as outras meninas que jogavam muito bom futebol, mas não tinham essa vontade e esforço. Eu lembro que um dia ele colocou para as meninas que se tivessem a vontade de treinar como a Maravilha já estariam jogando no Japão. Acho que isso foi determinante para ele falar que quando ele foi convidado para trabalhar em São Paulo e onde ele fosse ele iria me levar junto. Fomos a São Paulo jogar um torneio internacional. Em Brasília, fomos razoavelmente bem pelo tempo de preparação que a gente teve. O Saad em São Paulo tinha uma estrutura muito boa, em termos de nível

---

<sup>10</sup> Marcio Faria Corrêa.

<sup>11</sup> Clube de Regatas Vasco da Gama.

<sup>12</sup> Delma Gonçalves.

<sup>13</sup> Roseli de Belo.

<sup>14</sup> Marilza Martins da Silva.

nacional de futebol feminino. Era a única equipe que ficava com os treinos regulares, mesmo não tendo competição a gente continuava treinando. A gente morava numa chácara, tinha piscina, sauna, um pomar grande, dois lagos, um campinho de futebol, menor do que de futsal, mas tinha. Era um espaço que a gente tinha para treinar. Infelizmente a gente corria em ladeiras, corria toda torta e acabou trazendo várias lesões para as atletas. O campo que a gente treinava era muito reduzido. O dia que a gente ia para uma competição oficial, que era um campo grande, a gente sentia muita dificuldade. Às vezes, o presidente ou coordenador pedia paciência, porque investiu, colocou toda uma estrutura para o time e não dava resultado. Mas, na verdade o investimento era incorreto. Acho que o principal que precisava não tinha, que era o campo de futebol. Depois o Bagé voltou, também sofreu com esse período, de novembro e dezembro com o Saad. Em janeiro, quando voltamos, faltavam profissionais, às vezes a gente retomava os trabalhos. Até o próprio supervisor que dava os trabalhos físicos, às vezes era um atleta que tinha um pouco mais de destaque. Quando tinha uma oportunidade vinha um treinador e a gente vivia muito a instabilidade. Nesse ano de 1995 em São Paulo, a gente treinou muito dessa forma, teve esses recursos e teve uma competição em Uberlândia, quando a seleção Brasileira estava jogando um torneio internacional<sup>16</sup>. A Seleção Paulista foi convocada. Foi usado o nome do Saad e colocaram algumas meninas de fora do elenco, para participar dessa competição. Para nós não foi positivo porque a gente sofreu muito, tomou muitos gols por causa da deficiência de ter espaço reduzido, depois jogar em um campo grande. O Brasil foi para Mundial<sup>17</sup> naquela época e perdeu de seis a zero para Alemanha. Foi bem difícil, ficaram em oitavo lugar naquele mundial em 1995. Vendo toda aquela situação do futebol, uma empresa, a Sport Promotion, começou através do presidente do Saad - que depois trabalhou para essa empresa num projeto para a seleção feminina brasileira, para as Olimpíadas de 1996, em Atlanta nos Estados Unidos -, começou a organizar em novembro de 1995 quando saiu a primeira convocação para a seleção. Antes dessa convocação em novembro de 95, quando eu estava no clube do Saad, a gente fazia os treinamentos e quando terminava eu ficava meia hora treinando sozinha, ainda para ter essa possibilidade, porque eu imaginava que alguém estaria vendo a minha vontade, a minha determinação, ia me dar uma chance na seleção. Eu precisava ir para a seleção, precisava mudar minha condição financeira. Na época aqui no Cruzeiro, não recebia nada financeiramente. O que tínhamos era passagem

---

<sup>15</sup> Saad Esporte Clube.

<sup>16</sup> Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino.

de ônibus para ir para os treinos, no último mês a gente teve alimentação e hospedagem e só isso. Quando fui para São Paulo recebia uma ajuda de custo de setenta reais, isso em final de 1994 e 1995. Tem que fazer a tradução de cálculo econômico da época, mas eu sei que algumas vezes quando recebia setenta reais, eu pegava e mandava cinquenta para a minha mãe. Vivia com bastante dificuldade, porque na verdade me faltava tudo, eu precisava comprar tudo que uma mulher precisa. O básico, eu não tinha, eu precisava investir nesse aspecto, calçado, roupas, eu lutei muito para ser convocada para essa seleção. Quando eu fui convocada para a seleção em novembro de 1995, afirmei que daqui iria ser difícil me tirar, porque eu ia treinar muito. Eu sei que teve momentos no treino na preparação, o preparador de goleira, dizia para mim que eu tinha que ir mais devagar, porque eu estava passando da bola, porque eu colocava muita vontade e cada coisa tinha que ser no seu tempo. Eu comecei a controlar um pouco mais, desde novembro de 1995 e fiquei na seleção até a repescagem que nós jogamos na olimpíada na China em 2008<sup>18</sup>. Algumas vezes eu não fui convocada, algumas vezes por lesão Essa última competição eu estive na seleção, que disputou a repescagem em 2008. Eu não pude ir para a Olimpíada porque eu fraturei o dedo da mão e não recuperei em tempo para poder voltar. No projeto da Sport Promotion foi um sucesso grande daquele período da preparação da Olimpíada de Atlanta. A gente treinava três períodos: às sete da manhã eu acordava e ia correr trinta minutos, voltava tomava café, às nove e meia tinha um circuito físico e à tarde fazia outro treino de novo. Tinha momentos em que eu não conseguia mais dormir, de tanta dor muscular. Cheguei a pensar em desistir porque eu não tinha mais descanso, era algo muito pesado, mas mesmo assim não desisti. Quando eu fui relacionada entre as três goleiras que iria para os Estados Unidos em um mês de preparação para se adaptar ao clima para a Olimpíada, eu já estava realizada por ter conquistado esse espaço. Fui cortada quando a equipe da cidade de [PALAVRA INAUDÍVEL]... Na época, a gente ficou em Dakota do Sul, para ir para a Olimpíada. Fiquei nos Estados Unidos, na universidade desse lugar, para estudar. Eu ia ficar lá para estudar. Já tinha começado os trabalhos para poder estudar, fazer a faculdade. Antes de viajar para os Estados Unidos eu consegui fazer um supletivo de primeiro e segundo grau, na verdade era muito você ter o diploma. Quando nós ficamos lá, a seleção ficou em quarto lugar naquela Olimpíada, voltei ao Brasil. Voltando ao Brasil, teve novas convocações da seleção e eu fui convocada, então, eu resolvi abandonar tudo

---

<sup>17</sup> Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada na Suécia.

<sup>18</sup> Jogos Olímpicos de Pequim.

nos Estados Unidos. Achava que o momento era para eu jogar futebol, eu queria fazer meu espaço no futebol. Voltei ao Brasil, comecei a ser titular na seleção brasileira no ano de 1996. Disputamos um torneio, deu uma sequencia, foi um torneio internacional que a Sport Promotion organizou, em 1997. A Sport Promotion ficou com um projeto a nível estadual em São Paulo e a nível nacional de seleção. Organizaram o Torneio da Primavera, o primeiro torneio, a Paulistana<sup>19</sup>. Depois do Torneio da Primavera, uma Copa Rio-São Paulo e um torneio internacional de seleções. Naquele período eu lembro que a gente começou os trabalhos no final de janeiro e terminou dia 23 de dezembro. Foi um ano completo de competições e jogos, onde a evolução do futebol feminino foi marcante, pela sequencia dos trabalhos que a gente teve. Sabendo que ia ter jogos, a Bandeirantes<sup>20</sup> na época transmitiu, a Paulistana transmitiu todos os jogos por semana, todos os jogos não, transmitia dois jogos por semana... De equipe para equipe, mas durante o ano inteiro em 1997 a Bandeirantes passou os jogos. Chegando ao final do ano nesse torneio internacional, a seleção Brasileira conseguiu vencer a seleção dos Estados Unidos pela primeira vez por um à zero... Eu lembro que era dia 23 de dezembro e àquela época a seleção americana já estava completa, tinha a Mia Hamm, só não tinha a Michelle Akers das meninas famosas, que era o auge da seleção americana. Uma das maiores conquistas que a gente conseguiu naquele ano, resultado do trabalho que foi feito pela Sport Promotion. Só que depois disso só a empresa sozinha não tinha condições de bancar tudo, já bancava alojamento, alimentação, salário das atletas, salário a comissão técnica, os campos de treinamento, transporte para jogos. Na verdade, se tornou muito pesado para a empresa sozinha, não teve uma sequência. No ano de 1998, a Federação Paulista de Futebol ficou responsável pelo Campeonato Paulista. Eu lembro que teve um Campeonato Brasileiro em 1998 em Goiânia, em 1999 voltamos para aquela realidade, um pouco melhor, com uma base melhor, mas voltamos para a realidade que era o futebol feminino. A dificuldade de salários, dos contratos. O São Paulo era o único time que assinava carteira, eu não posso confirmar se no Corinthians<sup>21</sup> também existia, mas algumas meninas recebiam salários muito altos para o feminino, desestabilizou, depois os clubes não conseguiam mais dar conta. Não se compara com o salário do masculino. Quando existia uma crise no futebol em que a equipe masculina enfrentava problemas o corte primeiro era no feminino. Em 1999, 1998 teve o Sul-Americano a nível de seleção, e a gente ganhou

---

<sup>19</sup> Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

<sup>20</sup> Rede Bandeirantes de Televisão.

invictas, sem tomar gol. Tomamos um gol num jogo só, a gente ganhava de quinze, dezesseis. Na final com a Argentina foi sete à zero. Não era interessante jogar, tanto que ontem na palestra, a Aline<sup>22</sup> colocou como a situação mudou a nível Sul-Americano, como as coisas estão acontecendo e o Brasil continua estagnado. Aí a gente voltou, não senti muito prazer de jogar o Sul-Americano, porque não tinha graça nos jogos, era bater a bola, a bola batia nas meninas entrava. As goleiras adversárias não sabiam cair, não sabiam fazer os fundamentos, era uma coisa muito precária. Em 1999 teve um Mundial<sup>23</sup>, a CBF<sup>24</sup> pela primeira chamou o feminino para fazer os treinamentos na Granja Comary<sup>25</sup>. A partir daí eles assumiram mais o futebol feminino ou falaram que ele existia. A gente fazia os trabalhos lá, fomos para esse mundial em 1999 nos Estados Unidos. A comissão técnica não era mais o José Duarte, mudou porque em 1998 quem foi campeão Brasileiro e Paulista foi a Portuguesa<sup>26</sup>. Aí a comissão técnica da Portuguesa foi convocada para a seleção. Tive vários problemas naquele ano porque o técnico queria muito que a goleira da Portuguesa jogasse, mas ela não era uma goleira que ficava treinando, ela achava que era dona da posição e muitas vezes saía do treino. O treinador de goleira da Portuguesa era muito bom, aprendi muito com ele, acho que foi uma das fases que eu tive muita evolução. Ele não distinguia na seleção, ele tratava tão bem a goleira da Portuguesa como as outras duas, que éramos eu e a Andréia<sup>27</sup> que ainda joga hoje. A Andréia e eu treinávamos muito, éramos muito unidas, aí a Didi<sup>28</sup> que era a goleira da época que começou a ser titular da seleção, fomos para os Estados Unidos, nos jogos amistosos e ela falhou em vários lances. Os caras da CBF obrigaram o treinador a mudar, a me colocar e eu fui muito bem nos jogos. A partir daí eu fui titular nesse mundial, a goleira Didi foi cortada dessa seleção e a Andréia ficou como reserva. Em 1998 ou 1999. Ficamos em terceiro lugar, eu joguei um pouco contra a Alemanha nas oitavas e a gente jogou na Alemanha onde ela fazia um gol e a gente fazia outro. Foram três a três na prorrogação, nós fizemos um gol no último minuto. Naquele jogo eu fui tão bem que fui capa do jornal *The Washington Post*. O título

---

<sup>21</sup> Sport Club Corinthians Paulista.

<sup>22</sup> Referência a palestra de Aline Pellegrino proferida no III Simpósio Internacional de Futebol, realizado em Porto Alegre em setembro de 2014.

<sup>23</sup> Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada nos Estados Unidos.

<sup>24</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>25</sup> Centro de treinamento da Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>26</sup> Associação Portuguesa de Desportos.

<sup>27</sup> Andréia Suntaque.

<sup>28</sup> Diedja M. Roque Barreto.

dizia: “Maravilha, calma da tempestade Brasileira”<sup>29</sup>, pelo destaque daquela partida. Voltamos daí ficamos em terceiro lugar na disputa dos pênaltis contra a Noruega. Nesse mundial, na semifinal contra os Estados Unidos, tive o que acho que a foi falha marcante da minha vida, que me ensinou muito, sofri muito naquele dia. Eu estava dominando, a gente fazia aquecimento de fazer espetáculo para a torcida e eles vibravam com nosso aquecimento e eu estava muito autoconfiante. No jogo, no cruzamento eu saí tranquila para chegar na bola e a bola pegou na ponta dos meus dedos, caiu atrás e a jogadora americana fez o gol. O treinador como já estava chateado comigo porque ele queria que a goleira da Portuguesa jogasse como titulares, entrou no vestiário colocando o dedo na minha cara, dizendo que eu não podia ter errado. Eu já me cobrava muito, chorei no vestiário. Aí o treinador de goleira veio conversar comigo, disse que se não fosse por mim, a gente não teria chegado nessa condição de poder fazer esse jogo, porque nos jogos anteriores fui eu quem salvou o time. Voltei para o jogo, tive que jogar o segundo tempo. Quando terminou o jogo, a torcida americana me aplaudiu em pé, o treinador de goleira saiu de mão dada comigo mostrando o apoio e a torcida em pé me aplaudindo, porque sentia, via o lado mais humano, isso me impressionou muito na época. Em 2000 nós fomos para a Olimpíada em Sydney na Austrália, com muitos problemas internos, tinham muitas divergências, alguns queriam o Zé Duarte na comissão técnica, outros queriam o Milsinho<sup>30</sup> que era da Portuguesa. Criou-se um conflito, resolveram chamar as duas comissões técnicas, formaram uma comissão técnica só da seleção. O Zé Duarte era técnico e o Milsinho era auxiliar técnico, o treinador de goleira era o Sérgio<sup>31</sup>. Foi um bom treinador de goleira numa época, mas depois ele tinha muita sobrecarga. Era um treinador de goleira mais antigo, não evoluiu com o tempo, ele dava um trabalho de muita sobrecarga. Eu tive vários problemas em termos de rendimento, porque eu sempre me sentia muito cansada. Ia aquecer para os jogos quando eu trabalhava com ele, no São Paulo, não via a hora de o aquecimento acabar para ir para o jogo, porque eu não aguentava aquecer, vivia cansada. Muitas vezes eu me questionava: será que eu não vou conseguir evoluir mais que isso? Era na verdade uma sobrecarga de trabalho, ele fez o melhor dele, mas a gente tinha que ter uma evoluída. Esse treinador de goleira da Portuguesa conseguiu reduzir o tempo de

---

<sup>29</sup> *Maravilha's the calm in Brazil Storm*, publicada no jornal *The Washington Post* do dia 3 de julho de 1999.

<sup>30</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>31</sup> Nome sujeito a confirmação.

trabalho e dar qualidade e velocidade ao tempo de trabalho, eu evoluí rápido. Em 2000 eu fui jogar na Portuguesa. Saí do São Paulo para jogar na Portuguesa. Ele conseguiu me preparar em catorze dias para a Copa do Brasil que foi realizada em Goiânia e fomos campeãs pela Portuguesa e eu dominando... A Sissi<sup>32</sup> jogava na época. Lembro que na final era um dia de chuva, a Sissi batia escanteio, ela gostava muito de fazer gol olímpico. Fui buscar a bola no segundo pau e caí com ela, o treinador de goleira ficou encantado, ficou imaginando a segurança que era sair do gol e cair com a bola sem soltar, num dia de chuva, se batendo. Aquele dia nós fomos campeãs em cima do Palmeiras<sup>33</sup>. Tive uma evolução muito grande com esse treinador de goleira e depois disso quando a seleção foi colocada para a Olimpíada de Sydney, voltou a comissão técnica e voltou o treinador de goleira que era o Sérgio Gomes. Eu voltei a ter problemas, não podia aceitar a volta do treinamento, se eu sentia que era o outro que me fazia evoluir. Não queria mais voltar atrás, tivemos um período de treinamento então nós conversamos com o dirigente da CBF, eu e a Andréia juntas, se tinha a possibilidade de trocar o treinador de goleira. Ele ia ver a possibilidade e quando chegou noutro dia eu comecei a ser reserva da equipe da seleção Brasileira, eu era titular e comecei a ser reserva e não entendia porque houve essa escolha. Tempos depois, me falaram que a Andréia foi falar com o dirigente, depois que nós havíamos conversado com ele, que não era ela quem queria, era só eu que queria trocar de treinador de goleira. A partir daquele momento eu comecei a ser reserva da seleção e depois tive várias dificuldades no percurso, uma porque eu era reserva, mas sempre treinei como se fosse titular, sempre esperando o momento que tivesse oportunidade de jogar, eu precisaria entrar e dar conta do recado. Outra porque eu precisava mostrar que eu não estava na reserva pela condição técnica, mas, por outros fatores. Tanto que nós estávamos nessa turnê que eu comecei a ser reserva, aconteceu da Andréia se machucar na final, teve um estiramento no jogo e eu tive que entrar. O treinador de goleira falou para mim que estava preocupado com o que estava acontecendo. Eu disse: “Pode deixar que eu vou entrar e vou jogar.” Eu sempre dava resposta dentro de campo, quando eu percebia que algo errado estava acontecendo. Nunca batia boca com ninguém, eu provava isso dentro de campo. Tanto que naquele jogo, quando terminou, eu fiz várias defesas, na entrevista coletiva, estava eu, o Zé Duarte e a Sissi. O repórter perguntou para o Zé Duarte, qual goleira iria jogar agora, ele disse: “Tem duas grandes goleiras na seleção.” Depois disso a gente

---

<sup>32</sup> Sisleide Lima do Amor.

<sup>33</sup> Sociedade Esportiva Palmeiras.

sempre foi convocada, em 2000, depois da Olimpíada de Sydney, com esses problemas internos que nós tivemos, os clubes acabaram. Eu jogava na Portuguesa, acabou, São Paulo acabou, não teve campeonato, naquele ano de 2000. Nós voltamos da Olimpíada, e em outubro acabaram todos os clubes. Todo mundo foi dispensado. Houve muitas declarações que prejudicaram, talvez não. Porque às vezes precisa acabar tudo para começar, para que se faça o caminho certo. Quando eu voltei, no final de 2000, eu sei que todo esse período que eu joguei em São Paulo, eu não tinha divertimento, era tudo trabalho, eu treinava até em dias de folga, quando acabou a equipe. Eu tinha irmãos que eram caminhoneiros, eles voltaram para casa. Quando eu cheguei em casa, a gente resolveu se divertir. Compramos um carro, eu e meu irmão mais novo, que já estava grandinho, a gente começou a ir para as festas só para dançar. Sei que meu irmão mais novo levava até uma camisa de reserva junto, porque ele molhava toda a camisa de tanto dançar, depois ia lá e trocava. A gente se divertia muito, eu tinha momentos de convivência com meus irmãos e que torciam muito por mim também. No começo de 2001 eu resolvi, eu guardava quase todo o dinheiro, porque eu queria comprar uma casa. Mas, eu não imaginava que já tinha uma casa. Resolvi procurar uma casa para comprar, esse meu irmão, que já faleceu, foi junto comigo e a gente viu a casa. Um dia de manhã passando em frente eu disse: “Olha que casa bonita aquela”, mas não vi que estava a venda. E à tarde meu irmão veio falar: “Olha aquela casa que tu gostou está a venda.” Fomos lá olhar e eu comprei a casa. Na semana seguinte eu conheci o meu marido. Fomos numa festa do município vizinho e por um acaso, eu, uma amiga e meus irmãos estávamos dançando, aí o Prefeito da cidade me perguntou se eu era a goleira Maravilha. Eu disse: “Sim, sou eu.” Ele disse: “Deixa eu te apresentar uns amigos.” E foi apresentando e o último era o que depois virou meu marido. Ele disse: “Convida ele para dançar.” Eu disse: “Ah, se ele quiser, mas eu não vou dançar.” Ele falou: “Tudo bem, você tem o direito de não ir dançar.” A gente começou a conversar e uma coisa que me impressionou foi a paciência dele ficar conversando. Era muito diferente dos jovens da época que só queriam dançar, agarrar, ficar beijando e eu não gostava disso. Isso me encantou nele. Depois de algum tempo, em um mês e pouco, eu fui morar na casa que comprei, porque na época estava de aluguel, com pessoas na casa, precisava dar um prazo para as pessoas saírem. Quando eu fui morar na casa, a gente foi morar junto. Namoramos um mês e fomos morar junto. Este momento foi muito marcante, por ter conhecido ele e outra pelo que ele passou para mim. Ele me deu a liberdade, ele tinha um conhecimento de sociedade, conhecimento intelectual muito grande. A partir

desse momento eu comecei a estudar e eu sempre quis estudar, mas eu não tinha ninguém para me auxiliar, para explicar, eu poder entender e dar uma sequência nisso. O período de 1994 até 2000 foi só treinamento, eu treinava até nas férias em casa. Nunca ficava sem treinar, até duas vezes por dia. Quando eu conheci ele, ele pegou um jornal num certo dia, isso me marca até hoje, ele leu uma notícia, me explicou a notícia e perguntou: “O que você acha sobre isso?” “Não acho nada, não sei nada sobre isso.” Aí eu me dei conta da precariedade em que eu estava intelectualmente. Eu percebi que a nossa relação só ia dar certo se eu estudasse e tentasse chegar num nível que a gente pudesse ter uma conversa. Ele era professor, começou a lecionar, ia para a escola, me dava um livro, dizia quando eu voltar a gente vai debater esse livro e foi assim. Eu fui evoluindo, a gente começou a fazer cursos para entender como funciona a sociedade, cursos marxistas e eu percebi como a sociedade funciona, a entender o sistema capitalista como ele funciona, outros sistemas. Você começa a analisar e ampliar tua visão, parece que aquela cortina que te fechava, clareou. Comecei a sentir a mesma alegria de quando eu ganhava um campeonato, eu sentia isso quando eu ia para uma escola estudar. Depois quando eu fiz magistério, ou quando a gente estudava o curso que a gente sentava e podia debater os problemas da sociedade, de ver tudo que estava acontecendo, analisar de um lado mais crítico o futebol. Ontem na palestra eu queria muito ter colocado esse lado mais crítico, mas o emocional não permitiu. Então, eu vejo assim que a gente vive uma situação bem precária a nível nacional. Eu não vejo futuro para o esporte dentro dessa situação como a gente vive hoje e o sistema capitalista está numa fase terminal. Nós vamos vivenciar coisas muito críticas acontecendo a nível nacional e mundial dentro desse sistema, porque não existe mais como reformar o sistema capitalista. Ele está no seu esgotamento. Ou a gente entra numa sociedade onde as pessoas possam viver melhor com igualdade, ou numa transição para isso, ou a gente pode viver uma situação fascista, como houve várias vezes e se criam esses problemas a nível mundial. Eu trabalhei nos Estados Unidos, no final de 2006 até o final de 2007 e a questão racial é muito forte na universidade. Fui trabalhar como treinadora de goleira, do time masculino e feminino da universidade e a questão racial é bem dividida dentro da escola, dentro da sociedade negra, existia ainda uma divisão também, hoje você percebe a nível dos Estados Unidos como está acontecendo a questão racial de mortes, a minoria branca domina sobre a maioria negra. O sistema capitalista faz com que a sociedade fique mais dividida, aí alguém joga que você é o problema da sociedade, todo mundo vai comentando isso, daqui a pouco vira uma mentira de tanto repetida, ela vai se

tornando uma verdade para a grande maioria, que não tem conhecimento sobre isso. Dentro desse sistema, a probabilidade de sucesso é muito difícil. A gente analisou o projeto que a seleção e a Alemanha fazem sobre o futebol que a partir de 2002 caminham juntos. A escola de base e o futebol de base, dentro das escolas você [TRECHO INAUDÍVEL]... Isso foi relacionado a todas as escolas do País, foi um projeto para o futebol, usando o futebol como uma mudança de opinião, uma forma diferente de agir, usando o esporte como qualidade de vida, isso não só no conhecimento técnico, mas intelectual. O atleta vai crescendo paralelo à educação, ele vai tendo mais controle emocional, psicológico, para poder jogar. Tanto que você observa que a seleção da Alemanha joga como se fosse um jogo de xadrez. Ela joga calma, podem acontecer algumas coisas no percurso, mas ela sabe o objetivo, ela vai insistindo. Podem acontecer derrotas, mas a probabilidade de sucesso é muito grande, porque para eles o jogo de futebol não é a vida, é só um jogo. Para nós, a gente sempre encara como se fosse a vida da gente, porque amanhã pode acabar tudo. A gente vive nessa instabilidade. E eu acho que a alternativa para o futuro seria o governo assumir o esporte, porque não existe de outra forma. Você poderia tirar todos esses percalços que existem, às vezes vem dinheiro, mas esse dinheiro não chega aos atletas, não chega nos clubes, onde deveria ser distribuído. De repente, isso poderia ser isolado, dentro de uma administração séria, a gente também sabe que existem desvios e isso tudo pode acontecer. Depois desse problema que teve nas Olimpíadas que o futebol feminino parou, teve muitas melhoras, como ontem foi colocado pela Aline Pellegrino, dois anos o futebol feminino fica em alta, dois anos em baixa, porque esses dois anos tem Sul-Americano, Mundial e Olimpíada. Acabou a Olimpíada, desaparece o futebol feminino e retoma em dois anos. Em 2004, teve um trabalho bem diferenciado, acho que foi o único trabalho a nível profissional que eu tive, foi com a comissão técnica do René Simões. Tivemos todo o suporte: fisioterapeutas, fisiologistas, preparadores físicos, dois auxiliares técnicos, treinador de goleira qualificados e atualizados. Isso colaborou muito para a evolução do futebol feminino. Ele tinha um projeto de dar uma sequência, mas a CBF não quis. Até umas pessoas, até mesmo Simões reconheceram que ele fala da competição de 2004. Quando a gente ia disputar a final, eles vieram com uma notícia para tentar nos desequilibrar e a equipe para não ter sucesso. Várias vezes isso aconteceu. Muitas vezes, quando teve intriga em jogos, competição, a gente imaginava que era outro atleta, o que estava falando muitas vezes era criado, na verdade se jogava atleta contra atleta para criar um tumulto, ficou claro. É que a CBF pensa que o futebol feminino é um patinho feio, eles

não querem. Hoje com pouco investimento, eu vi a seleção Sub-20 jogar agora o Mundial. Achei fantástica a postura delas, a forma como jogavam, provavelmente a comissão técnica é muito boa, não conheço, o que faltou ali é a experiência de jogos internacionais, poder estar no clube mais vezes, ter uma estrutura melhor. O lado emocional afeta muito o futebol feminino, assim como o masculino. Eu vejo assim, depois que eu comecei a estudar, eu tive na infância uma educação religiosa muito forte, em muitos momentos eu questionava a religião, porque ela me podava muito, eu queria viver certas coisas e não podia. Quando eu comecei a estudar e fui entender a sociedade, qual a função da religião dentro da sociedade, eu comecei a entender muitas coisas e hoje eu tenho outra opinião sobre isso. Comecei a estudar, fiquei melhor, mais feliz a partir do momento que eu não tenho mais religião, não acredito mais em Deus, porque eu só acho que o homem que criou Deus e não Deus que criou o homem e comecei a largar superstição. No futebol as atletas se agarram muito na superstição, se uma coisa interfere, desaba tudo. Eu acho que a gente tem que ter uma estrutura muito mais forte do que isso, por isso depois que eu consegui abandonar todas essas coisas, eu joguei livre, leve, feliz, eu desenvolvi muito melhor a minha qualidade, tanto que quando eu encerrei a carreira em 2009, eu terminei no auge da minha carreira, fazendo coisas incríveis e estava feliz. Parei de jogar futebol em 2009 para ter um filho, eu já estava com trinta e seis anos, o guri nasceu e eu com trinta e sete anos. A partir daí eu comecei a viver feliz. E a gente consegue viver feliz, não precisa ninguém dizer o que é certo ou errado, porque o ser humano tem essa capacidade de discernir, o que é correto, acho que essa questão deixa a gente mais livre. Eu sou muito feliz com o Yuri<sup>34</sup>, porque o Yuri é a pessoa mais importante da minha vida. Ele é um grande tesouro e não existe nenhuma medalha olímpica de ouro que possa superar isso, ser mãe é a coisa mais maravilhosa do mundo. Exige muito, às vezes a gente fica cansada, mas esse caminho de ficar brincando, de fazer cosquinha na barriga do Yuri. Ele é meu companheiro, ele vai junto às palestras, me acompanha na faculdade quando eu preciso. Ele nasceu quase dentro da escola. Quando eu fiz magistério, ele ficou um mês indo para a sala de aula, dormindo em cima das carteiras, enquanto eu ficava estudando, para eu poder me formar como professora de educação infantil, séries iniciais. Hoje eu estou cursando Educação Física.

P.J. – Tu continuas trabalhando com futebol ainda?

---

<sup>34</sup> Referência ao filho nascido em 2010.

M.W. – Eu sou contratada pela Prefeitura lá do meu município<sup>35</sup>. Presto serviços para a Prefeitura, com o treinamento de goleiros, já faz um ano e meio e consegui revelar um goleiro que hoje está no Atlético Mineiro<sup>36</sup>. Tem doze anos, está nas categorias de base e ele tinha sido selecionado para cinco clubes: o Atlético Mineiro, Atlético<sup>37</sup> do Paraná, São Paulo, Grêmio<sup>38</sup>, Inter<sup>39</sup>. Os cinco selecionaram ele para fazer um teste, ele optou pelo Atlético Mineiro que deu melhores condições. Hoje eu trabalho com outros goleiros, numa categoria de dez anos, já tem os fundamentos bem desenvolvidos, tem um menino de quinze anos que é muito bom, tem uns novos, tem um de nove anos, já tive até goleiro de sete anos treinando. Isso exige muito de mim porque eu trabalho no mesmo dia, aquele de sete e o de quinze, e você tem que discernir a força, a velocidade, tudo isso tem que ser diferenciado.

P.J. – Ok, Maravilha, em nome do Centro de Memória do Esporte a gente agradece a entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>35</sup> Prefeitura Municipal de Maravilha.

<sup>36</sup> Clube Atlético Mineiro.

<sup>37</sup> Clube Atlético Paranaense.

<sup>38</sup> Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense.

<sup>39</sup> Sport Club Internacional.